A FERA NA SELVA 09.08

By

Paulo Betti, Eliane Giardini, Rafael Romão

adaptação teatral de Luis Arthur Nunes da novela de Henry
James

psbetti@globo.com

"Trabalhamos no escuro. Fazemos o que podemos, damos o que temos, nossa dúvida é nossa paixão, e nossa paixão é nosso dever, o resto é a loucura da arte." (Henry James - 1893/1916)

O filme começa lento e aos poucos, muito gradativamente, torna-se ligeir (talvez começamos com planos sequências e ao fim teremos cenas mais picotadas)

1 FLORESTA - DIA - EXT

A floresta é apresentada majestosamente e aos poucos nos aproximamos de um grupo de turistas.

2 FLORESTA - DIA - EXT

Um grupo de cerca de 15 pessoas, HOMEM 1, HOMEM 2, HOMEM 3, HOMEM 4, MULHER 1, MULHER 2, MULHER 3, MULHER 4, MULHER 5, MULHER 6, CRIANÇA 1, HOMEM 6 (japonês), MULHER 7 (negra), MULHER 8, ADOLESCENTE 1 segue uma figura que se assemelha a um GUIA, que aponta e explica espaços e construções presentes no caminho. Não o ouvimos. Não é um guia tão banal e o grupo que o segue parece tão interessado quanto a um grupo de pesquisadores. São IDOSOS, ADULTOS e CRIANÇAS que carregam garrafas d'água, máquinas de fotografia, panfletos, livros e diários e se vestem à vontade e com proteção ao sol. JOÃO acompanha o grupo em boa parte do tempo a certa distância, distante da fala que explica. Vestido de azul, ele tira um lenço branco do bolso e enxuga o suor da testa. Ele está atento às construções mas não tanto quanto ao reconhecer a mulher de vestido bordô e grande chapéu, MARIA, que até então estava de costas. Ele está tão atento a ela que chega a captar a sua atenção. Cruzam olhares e sorrisos. João que ainda se reserva a certa distância do grupo observa Maria desviar dentre o grupo. Ela se aproxima. Ele não resiste e atropela a fala sem cerimônias. O grupo avança e os abandonam aos poucos.

OBS. talvez esta sequência se divida entre o sítio histórico da propria floresta e a mata densa.

JOÃO

A gente já se encontrou antes! Há muitos anos atrás.

Maria se ilumina com a lembrança dele, o que encoraja João a se expressar com certa ansiedade.

MARIA

Já nos encontramos sim.

(CONTINUED)

JOÃO
(exultante)
Eu tinha certeza. Onde foi mesmo?
Num barco, não foi?

MARIA
Foi.

JOÃO
Agora, então, ouvindo a sua voz, eu
me lembro de tudo!

MARIA
Bem, eu vou confessar que estava um
pouco desapontada.

JOÃO
Por quê?

MARIA
Tinha certeza de que você tinha se
esquecido completamente.

JOÃO
Não. Por quê? Porque pensou que eu
tivesse uma memória tão ruim?

MARIA
Não é isso. Eu não imaginava que eu
tivesse provocado uma impressão que
pudesse voltar a sua memória tantos
anos depois.

JOÃO
Pois se enganou completamente.
Recordo de você muitíssimo bem...

Os dois ficam um tempo se olhando. O grupo está ligeiramente
afastado. João e Maria começam a caminhar pelo sentido
contrário ao do grupo, como a voltar ao passado.

JOÃO
Se eu não dissesse nada, você teria
falado? Afinal, você se lembrava,
teria mencionado nosso encontro?
(Pausa)

MARIA
Não sei. Acho que não.

JOÃO
Por que não?

Começa a entardecer.

MARIA

O que eu queria mesmo era dar a oportunidade de você se lembrar.

JOÃO

Então, se eu não tivesse dito nada, teria sido uma pena.

MARIA

O que é que teria sido uma pena?

JOÃO

Perder essa lembrança.

MARIA

Não haveria nada, lembrança alguma a perder. Para que resgatar o passado se a memória o apagou, se a lembrança não se impõe?

JOÃO

Quem diz que ela não se impõe mesmo que a gente não queira? A memória nem sempre é imediata. Às vezes ela demora a voltar. O que não impede que, ao mesmo tempo seja extremamente violenta...

MARIA

Tenho as minhas dúvidas. Aliás, nem tenho certeza se você se lembra mesmo daquele encontro.

JOÃO

Como se fosse ontem. Vou provar.

MARIA

Não precisa.

JOÃO

Faço questão. Escute só. Foi no Lago Azul, há uns 15 anos. Você estava sozinha. Eu te vi no barco, não foi?

3 REPRESA ITUPARARANGA/BARCO (1974) - DIA - EXT

FLASH-BACK. Explode um sol na tela, dia claríssimo, sem nuvens. Vemos um barco inteiro com mais cinco pessoas, a imagem de Maria com um toldo branco ao fundo. Ela aparece fazendo um movimento que se repete algumas vezes enquanto ele fala, como se fosse o único frame que ele se lembra. João não aparece na lembrança.

(CONTINUED)

JOÃO (OFF)

Estávamos num barco. Viu como lembro? Eu me recordo do toldo branco. Fazia um calor sufocante. Sim, eu lembro perfeitamente do toldo branco. Da luz que batia em seu rosto.

MARIA (OFF)

Você não se lembra de quase nada!

4 FLORESTA (1984) - ANOITECER - EXT

MARIA

Não foi no Lago Azul, foi na Represa. Não fazem 15 anos, fazem dez anos. Eu não estava sozinha, estava com minha mãe e meu irmão.

JOÃO

Tem certeza?

MARIA

Absoluta.

Silêncio entre os dois, os amigos chegam e eles interrompem a conversa.

MARIA

Bom. Acho melhor nos despedirmos agora.

JOÃO

Claro, e qual é mesmo o seu nome? Desculpe, desculpe...

MARIA

Maria

Ela olha para ele intensamente como ao reconhecer mais uma oportunidade perdida. Ela dá as costas a João se junta ao grupo de amigos sem olhar para trás.

5 REFEITÓRIO (1984) - DIA - INT

Em uma longa mesa estão sentadas cerca de 10 PESSOAS, interagindo em pares. Todos comem refeições idênticas em bandejas metálicas com pequenas cavidades para separar cada alimento: arroz integral, feijão, purê de batata, carne de panela, salada de alface e tomate. Todas as pessoas estão bem vestidas em tons similares. João está sentado

(CONTINUED)

sozinho. Maria está sentada na mesa imediatamente atrás de João e o observa. Ela levanta, vai ao seu encontro e senta ao seu lado. O prato sujo de Maria já está vazio.

JOÃO

Isso parece a sequência de alguma coisa que eu perdi o começo.

MARIA

(levemente irônica)

Deve ser mesmo.

Um casal sentado à frente de João se levanta e se retira.

JOÃO

Nunca te vi aqui.

MARIA

Comecei hoje. Ano novo, vida nova. Espero.

JOÃO

Por acaso você é a professora nova de literatura?

MARIA

Sou. Já sabia?

JOÃO

Eu sou o professor velho de literatura.

MARIA

Então eu devo ser a nova velha professora.

Uma MULHER passa a frente deles esfregando o chão. Maria passa a observar as pessoas ao redor, que conversam energeticamente sobre temas indiscerníveis. O salão vai se esvaziando.

JOÃO

Conhecemos tantas pessoas em comum, por que será não nos vimos outras vezes? Fico contente em ver você de novo.

MARIA

Que bom, achei que tivesse ficado chateado comigo aquele dia.

JOÃO

De jeito nenhum. Para dizer a verdade, achei delicioso você me fazer ver que na ânsia eu tinha lembrado tudo errado.

MARIA

Quase tudo.

JOÃO

Quer dizer que algumas coisas eu acertei?

MARIA

(DIVERTIDA)

Algumas. Que nosso barco tinha um toldo branco, por exemplo.

6 BARCO (1974) - REPRESA - DIA - EXT

FLASH-BACK . A cena completa a lembrança de João. Varias pessoas no passeio entre elas a mãe e o irmão. Cena silenciosa onde João fala e ela escuta com muita atenção.

JOÃO(OFF)

Espera, houve uma tempestade .

Um raio e um trovão iluminam a cena.

7 REFETÓRIO (1984) - DIA - INT

MARIA

De fato choveu e nosso barco teve que voltar.

JOÃO

Ah! Eu lembro. O que mais? Que outras correções?

MARIA

(TEMPO)

Foi só isso o que aconteceu.

JOÃO

Só? Que pena.

MARIA

Você, afinal, se lembrava de bem pouca coisa, não é?

(CONTINUED)

JOÃO

Lembrava de você, do seu rosto, da sua voz. O que eu esqueci foi o lugar onde eu tinha visto esse rosto e ouvido essa voz. Como vê, apesar de tudo, eu me lembrava.

MARIA

Justo o suficiente para saber que havia esquecido.

Pausa grande. Um branco. Ela levanta. Ele vai atrás.

8 CORREDOR LONGO (1984) - DIA - INT

NARRADOR

O PASSADO EVOCADO, CONVIDADO, ENCORAJADO NÃO PODIA LHES DAR MAIS DO QUE CONTINHA: APENAS AQUELE ENCONTRO REMOTO NA REPRESA. ESTAVAM DIANTE DE UMA OPORTUNIDADE PERDIDA. NÃO LHES TOMOU MUITO TEMPO POR TUDO NA MESA, COMO AS CARTAS DE UM BARALHO. NÃO HAVIAM MUITAS CARTAS. O BARALHO ESTAVA INCOMPLETO.

Eles caminham lado a lado. Maria acende um cigarro e empresta o isqueiro a João, que acende outro. Eles não conversam, parece que ela dá tempo para que ele se lembre de algo.

9 PATIO (1984) - DIA - INT.

Ainda caminham.

MARIA

O que se há de fazer? Afinal de contas não aconteceu nada de marcante, nada de extraordinário naquele dia. Nosso barco não virou para você me salvar, nem ninguém tentou roubar minha bolsa.

JOÃO

Teria sido maravilhoso... Eu perseguindo o ladrão... ou então eu poderia ter pego uma insolação, sozinho num quarto de hotel...

MARIA

Eu iria cuidar de você...
Escreveria para sua família...

JOÃO

Teríamos passeado juntos... Se
qualquer coisa assim tivesse
acontecido...

Tempo. Apagam os cigarros, irão voltar a suas funções.
Separam-se. Ela entra por uma porta.

10 SALA DE TRABALHO DE MARIA (1984)- DIA - INT

Ela olha pela janela e vê João caminhando à saída. Arruma rapidamente suas coisas e sai atrás dele com a chave do carro nas mãos.

11 ESTACIONAMENTO (1984) - DIA - EXT

MARIA

Pra falar a verdade, aconteceu,
sim, uma coisa extraordinária.

Eles param ao lado do carro de Maria.

JOÃO

(encantado)

Ah, foi?

MARIA

Você me disse uma coisa que eu
nunca esqueci. Uma coisa que desde
então me fez pensar em você, muitas
e muitas vezes.

JOÃO

O que foi? O quê? Diga.

MARIA

Atravessávamos de barco a
Represa...

JOÃO

A minha memória não é um completo
desastre afinal...

MARIA

O que você me disse naquele dia - e
era tão importante, tão forte -
Isso voce esqueceu.

(CONTINUED)

JOÃO
O que eu disse?

MARIA
Não sei se devo, é uma
responsabilidade muito séria;
recolocar de repente alguém diante
do que era dez anos atrás.

JOÃO
Responsabilidade?

MARIA
No caso de você ter mudado de lá
pra cá. Ter se distanciado do que
era. Isso seria horrível.

JOÃO
Ou não. Valeria a pena, quem sabe,
compreender quem eu era. Além
disso, quem garante que eu não seja
ainda o mesmo?

Maria entra em seu carro e abre a porta de passageiro por dentro.

MARIA
Nesse caso, com certeza se
lembraria do que me disse.

Ela abre a porta, ele entra.

12 ESTRADA (1984) - NOITE - EXT.

O carro segue pela estrada. Carona, buzina, ruídos aumentam e o diálogo se distancia

13 CARRO/ESTRADA (1984) - NOITE - INT.

Maria dirigindo. João ao lado. Às vezes vemos o carro correndo pela estrada pelo lado de fora, às vezes acompanhamos o diálogo dentro do carro

JOÃO
Pelo amor de Deus, conte o que foi
que eu fiz? Provavelmente disse um
monte de asneiras. Assim mesmo,
gostaria de saber, por você, que
espécie de idiota eu era.

MARIA

Se eu o achasse idiota, a coisa de que estou falando não teria ficado gravada na minha mente.

JOÃO

Então?

MARIA

Era sobre você mesmo... Já aconteceu?

Há um escurecimento quase total da tela, como se passassem por um túnel.

João fica mudo, só volta a falar quando saem do tunel.

JOÃO

Quer dizer que eu contei...

MARIA

Foi uma confidência. Você não me conhecia. Eu não o conhecia. É assim que as confidências acontecem entre estranhos.

(pausa)

Eu vou lhe perguntar de novo se a coisa de que você falava já aconteceu.

Ele não responde. Os dois ficam em silêncio.

14

RUA (1984) - NOITE - EXT.

NARRAÇÃO

ELE ESTAVA ATÔNITO, MAS PASSADO O PRIMEIRO CHOQUE, O FATO DELA DETER EM SUAS MÃOS UMA COISA TÃO ÍNTIMA A SEU RESPEITO COMEÇOU A LHE PARECER PRAZEIROSO. ELA ERA A ÚNICA PESSOA NO MUNDO A SABER. E SOUBERA AQUELES ANOS TODOS. ENQUANTO QUE PARA ELE, APAGARA-SE INEXPLICAVELMENTE A LEMBRANÇA DE LHE HAVER UM DIA SOPRADO O SEU SEGREDO. A VERDADEIRA REALIDADE EM QUE VIVIA.

Uma rua com casas bucólicas dos dois lados. Tudo muito bem cuidado e arborizado. Ele indica que ela estacione. Ela para o carro na frente de uma das casas. Ele sai e ela fica dentro do carro. Ele a fala pela janela, como que de última hora.

(CONTINUED)

JOÃO

Esse nosso encontro não podia mesmo passar em branco. O engraçado é eu não guardar a menor lembrança de ter me aberto tanto com você.

MARIA

Não será porque você se abriu também com outras pessoas?

JOÃO

Com ninguém. Absolutamente ninguém

MARIA

Quer dizer que eu sou a única pessoa a saber?

JOÃO

A única no mundo.

MARIA

(PRONTAMENTE)

Bem, eu também não falei para ninguém. Nunca contei o que você me disse. E jamais contarei.

JOÃO

Por favor, não conte. Está bem assim como está.

MARIA

(rindo)

Com certeza!

Ele entra na casa. Ela observa. Ele abre a porta da casa. Ela segue com o carro. Vemos a rua toda com suas casas no início da noite

15 CASA JOÃO (1984) - NOITE - INT

NARRADOR

AQUILO TUDO VINHA A ELE COMO UMA REVELAÇÃO. DURANTE TANTO TEMPO SE CONSIDEROU ABOMINAVELMENTE SOZINHO. E, VEJAM SÓ, EIS QUE ELE NÃO ESTAVA NEM UM POUCO. NÃO ESTIVERA POR UMA HORA SEQUER. DESDE AQUELE DIA NO BARCO NA REPRESA.

João acende a luz e vemos sua casa decorada com bom gosto. Detalhes da casa de João, dos ambientes. Caminha até o quarto, tira o paletó. Dirige-se para o banheiro. Lava o rosto

16 CASA MARIA (1984) - NOITE - INT

NARRAÇÃO:

ELA É QUE ESTIVERA SOZINHA EM
 CONSEQUENCIA DO IMPERDOAVEL
 ESQUECIMENTO DELE. AO REVELAR O
 SEGREDO, ELE LHE ESTAVA PEDINDO
 ALGUMA COISA QUE ELA LHE HAVIA
 DADO, EM SUA COMPAIXÃO. SEM QUE ELE
 AO MENOS TIVESSE AGRADECIDO, NEM
 QUE FOSSE EM PENSAMENTO. ELE LHE
 PEDIRA QUE ELA O OUVISSE, QUE O
 ACEITASSE SEM RIR DELE.

Maria abre o capô do carro em uma garagem, como a procurar por um problema no automóvel.

Caixas de mudança pela casa. De uma delas, Maria retira um porta-retrato com a foto de uma idosa, sua tia. Ela o pendura à parede e acende uma vela a sua frente. Maria pega uma das caixas com cremes e vai até o banheiro. Ela fica diante do espelho. Arruma os cremes nas prateleiras.

17 PATIO (1984) - DIA - EXT

Criar situação com amigas. Várias pessoas no pátio conversando com Maria. João chega e acena . Ela vai até ele, combinam a saída juntos mais tarde. Maria volta e amigas querem saber mais do casal recém formado. Maria é discreta.

18 ESTACIONAMENTO (1984) - DIA - EXT

João espera por Maria encostado no carro dela. Maria sai, os dois trocam beijinhos no rosto e partem no carro de Maria.

19 CARRO/ESTRADA DA CASTELINHO (1984) - DIA - EXT

João e Maria vão pela estrada em silêncio. Ele assiste à paisagem.

MARIA

Rápido! Abaixei a cabeça!

João cumpre. Maria ri. Vê-se a placa: AQUI PASSA O TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO. O carro corre pela estrada.

JOÃO

Não gosto de incomodar os outros.
 obrigando eles a conhecerem meu
 lado mal-assombrado. A minha

(MORE)

(CONTINUED)

JOÃO (cont'd)

verdadeira realidade. Ainda que em certos momentos eu tenho a tentação de ouvi-los dizer que eles também são bastante assombrados. Pois assim eles saberiam o que isso significa.

Maria liga o toca-fitas do carro. Ouvimos Leonard Cohen - Dance Me to the End of Love.

RÁDIO (LEGENDAS)

Dance comigo até o fim do amor
 Dance comigo até o fim do amor
 Dance comigo até sua beleza ficar
 como um violino ardente
 Dance comigo através do pânico até
 eu estar a salvo
 Me toque com tua mão nua ou toque
 me com sua luva
 Dance comigo até o fim do amor
 Dance comigo até o fim do amor
 Dance comigo até o fim do amor

MARIA

Voce tem algum compromisso ? Se não se importa podíamos ir até um lugar de que gosto muito.

JOÃO

Claro, adoraria.

Maria para o carro em uma estrada de terra.

20

VISTA PARA O MIRANTE (1984) - DIA - EXT

Os dois vão por um caminho que aos poucos revela a Pedra da Cruz e sua vista. Os dois observam a grande vastidão e a árvore solitária em meio à vista. Ainda caminham.

JOÃO

...E como foi exatamente que eu lhe contei?

MARIA

Como você se sentia?

João confirma.

MARIA

Foi muito simples. Contou que sempre teve, desde muito jovem a
 (MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)
sensação de estar sendo poupado
para algo raro e estranho, algo
prodigioso, terrível até, que mais
cedo ou mais tarde acabaria
acontecendo. Uma espécie de fado,
de sina, que você tinha esse
pressentimento, esta convicção.
Algo que, quando viesse, o
esmagaria.

JOÃO
Chama isto de muito simples?

MARIA
(após pensar um momento)
Sim, talvez porque quando você
falou, eu achei que tinha
compreendido.

JOÃO
(com intensidade)
E compreende mesmo?

MARIA
Esta fatalidade, o que quer que
seja, ainda não veio?

JOÃO
Não, não veio. Sabe, não é nada que
eu deva fazer, realizar em minha
existência. Nada que me traga a
glória, a celebridade. Não seria
tão idiota de ter estas ilusões.
Até seria melhor se fosse.

MARIA
É algo a que você tenha
simplesmente a que se submeter?

JOÃO
Bem, digamos, algo que eu tenho de
esperar. De enfrentar, ver de
repente, irromper na minha vida.
Provavelmente destruindo minha
consciência, me aniquilando. Ou,
talvez, alterando todo o meu
universo, atingindo a raiz do meu
ser. E me deixando só, desarmado,
diante das conseqüências da
catástrofe. De qualquer maneira,
serei obrigado a aceitar tudo isto.
Mais ainda, a reconhecê-lo como
sendo a minha finalidade.

(CONTINUED)

Maria olha ao horizonte pensativa.

MARIA

Isso que você descreve não seria tão somente aquela espera, aquela expectativa diante do perigo, perigo familiar, conhecido de tantos, de se apaixonar por alguém?

JOÃO

(pensativo)

Você me fez essa pergunta debaixo daquele toldo branco?

MARIA

Eu não era tão descontraída naquela época. Mas é o que me ocorre agora.

JOÃO

Também a mim já ocorreu. Talvez não me esteja reservado mesmo nada mais do que isso. Me apaixonar. Só que, se fosse isso, eu acho que já teria me dado conta.

21 MIRANTE (1984) - DIA - EXT

Agora efetivamente estão no Mirante, nos degraus da Pedra.

MARIA

Você já amou alguém?

(Pausa)

E não sobreveio o cataclismo. Não foi o grande acontecimento. Não é isso?

JOÃO

Eu estou aqui, como vê. Não foi nada tão arrasador.

MARIA

Então não foi amor.

JOÃO

Bem, eu achei que era. Senti como se fosse. Foi agradável. Foi delicioso. Mas não foi estranho como meu acontecimento deve ser.

MARIA

Você quer que aconteça alguma coisa só para você? Uma coisa que ninguém jamais conheceu?

(CONTINUED)

JOÃO

Não se trata de querer. Deus sabe que eu não quero nada. Trata-se apenas dessa certeza que me persegue, que vive ao meu lado dia após dia. Uma superstição.

MARIA

É a sensação de alguma violência eminente?

JOÃO

Não imagino uma coisa necessariamente violenta. Será uma coisa inevitável. Apenas. Quando chegar, vai ser impossível, absolutamente impossível que eu me engane. Saberei que é ela. Penso nela simplesmente como sendo a coisa. A coisa vai aparecer por si mesma. Naturalmente.

MARIA

Uma coisa ao mesmo tempo extraordinária e natural?

JOÃO

(após refletir)
Extraordinária? Não para mim.

MARIA

Para quem, então?

JOÃO

(sorrindo)
Bem, digamos, para você.

MARIA

Ah, eu vou estar presente?

JOÃO

Voce esta presente, desde que ficou sabendo

João vai até a ponta do penhasco e olha pro fundo, pra baixo. Parece se desequilibrar, mas Maria o segura.

MARIA

To vendo essa sua catástrofe.
(pausa) Será que ela vem pra mim também?

(CONTINUED)

JOÃO

Depende de você... Se for esperar comigo.

Maria se aproxima da ponta do penhasco e João a detém imediatamente.

MARIA

Você tá com medo?

JOÃO

Ah, não quero te ver voando assim.

MARIA

To falando da sua coisa. Você tem medo?

JOÃO

Acha que estou sendo tolo? Um doido inofensivo?

MARIA

Não. Eu entendo você. Acredito em você.

JOÃO

Quer dizer que você sente que essa minha obsessão, essa espécie de fardo velho que eu arrasto, pode corresponder a alguma coisa de... real? Não é uma loucura?

MARIA

Real... muito real.

JOÃO

Você vai esperar comigo?

MARIA

Você tem medo?

JOÃO

Eu lhe disse que tinha medo na Represa?

MARIA

Não, não me falou nada sobre isso.

JOÃO

Então, não sei. Não sei se tenho medo. Mas gostaria de saber. Talvez você possa me dizer, quando eu tiver. Quando a coisa acontecer. Se esperar comigo, você verá.

Maria permanece pensativa por um momento, caminha à frente antes de se virar a João.

MARIA

Então, muito bem. Eu vou esperar com você.

Camera alterna entre um e outro. Na sensação do segredo compartilhado, um pacto.

22

CASA DE MARIA (1994) - NOITE - INT

PASSAGEM DE TEMPO.

NARRAÇÃO

O SEGREDO COMPARTILHADO DEU INÍCIO A UMA INTENSA LIGAÇÃO ENTRE OS DOIS. SENTIAM QUE NÃO ESTAVAM MAIS FLUTUANDO NAS CABECEIRAS DO RIO. AGORA O BARCO IA SENDO RAPIDAMENTE LEVADO CORRENTEZA ABAIXO. ÀS VEZES ELE AINDA SE PERGUNTAVA O QUE O LEVARA À CONFISSÃO DO BARCO NA REPRESA. NUNCA FIZERA PARTE DOS SEUS PLANOS QUE UMA OUTRA PESSOA PUDESSE SABER. SERIA IMPOSSÍVEL, ALIÁS, ESPERAR ALGUMA COISA DE UM MUNDO INDIFERENTE, ALÉM DE ZOMBARIA E DESPREZO. MAS, À SUA REVELIA, O MISTERIOSO DESTINO O FIZERA ABRIR A BOCA. E PARA A PESSOA CERTA, ALIVIANDO ASSIM A ASPEREZA DO SEU SEGREDO. ELA ERA, SEM SOMBRA DE DÚVIDA, A PESSOA CERTA. POR QUE? BEM, PORQUE ALI ESTAVA ELA.

João e Maria estão mudados, um pouco mais velhos. Tem 58 anos. Grupo de amigos que já estão de saída. Um bolo de aniversário já partido. Os amigos insistem pela companhia dos dois. João segura Maria pela mão. Ela fica. Anoitece. Maria começa a por a mesa para um jantarzinho com velas. João a presenteia com uma bijuteria fina. Ele escreve, vemos sua letra. Ela aguarda extremamente apreensiva.

JOÃO (ESCRITO)

Obrigado por compartilhar comigo a minha verdadeira realidade.

João grifa as últimas palavras.

Maria pega o papel. Vemos seus belos olhos acompanharem a ordem da leitura. Ela pega uma caneta e escreve uma resposta.

(CONTINUED)

MARIA (ESCRITO)

Eu não te acho um louco inofensivo.
Se bem que tenho certeza que você
tem um parafuso frouxo.

Os dois riem.

João comendo, os dois se olhando, conversando, rindo, vemos também o exterior da casa, como nos filmes de Ozu, uma árvore, o vento nas folhas. Durante o diálogo vemos que ele tem intimidade com a casa dela, talvez através do detalhamento dela.

JOÃO

Acho que às vezes eu abuso demais
da sua paciência.

MARIA

E por que não, se eu permito?

JOÃO

Mas você tem sua vida pessoal...

MARIA

Minha vida pessoal...

JOÃO

Podem lhe acontecer coisas,
aventuras...

MARIA

E você, como amigo, tem de levar
isso em conta.

JOÃO

Eu não quero me impor demasiado.
Ficar sempre falando de mim, de
minha predestinação.

MARIA

Você está se acusando de egoísta?

JOÃO

Respeito os outros a distância. Eu
sou mais um no meio da multidão.
Trato todo mundo com bastante
civildade. Sempre me vi como um
sujeito razoavelmente desapegado,
num mundo ganancioso. Com relação a
você, porém...

MARIA

É assim a nossa amizade. Não há nada a fazer. Nada que se possa mudar.

JOÃO

Você acha?

MARIA

Alguma vez eu me queixei? Alguma vez eu disse que queria mudar o que quer que fosse?

JOÃO

Você jamais faria a menor insinuação, o menor gesto para provocar uma mudança.

MARIA

Estamos de acordo. Há muito tempo que o meu papel na nossa história é servir de confirmação a sua.

Terminam o jantar. Ele se levanta e a ajuda a terminar de tirar a mesa. Ela prepara um chá.

JOÃO

Você se dá conta de que, pelo rumo que as coisas tomaram... aos olhos de todo mundo, essa nossa relação, essa nossa amizade...

Ela começa a servir o chá.

MARIA

Sim...

JOÃO

Deveria assumir a forma de casamento.

Ela enche a xícara um pouco demais, que transborda no pires.

MARIA

Você está me fazendo uma proposta?

JOÃO

Não. Isso é que é terrível! As próprias bases da nossa intimidade tornam impossível um casamento.

MARIA

Como assim? Você pensa assim?

JOÃO

Estou absolutamente convencido. Essa minha obsessão, o meu fantasma, não é um privilégio que um homem possa compartilhar com sua mulher. Não seria direito. Com uma amiga, sim. Jamais com a esposa.

MARIA

Jamais?

JOÃO

É pavoroso demais. Alguma coisa está lá me esperando nas curvas, nas dobras do tempo, dos meses, dos anos. Como uma fera à espreita na selva, prestes a dar o bote. Pouco importa se a fera na tocaia vai me matar, ou se sou eu que vou matá-la. A única coisa certa é o seu bote.

MARIA

Não compreendo!

Maria levanta e retira as xícaras. João observa sentado.

JOÃO

Você há de convir que um homem de bem, não tem o direito de se fazer acompanhar pela mulher na caça ao tigre. Seria uma imposição excessiva, absurda.

MARIA

Você não devia falar por mim. Só eu sei quanto peso meus ombros podem suportar.

JOÃO

O peso é insuportável.
(pausa)

MARIA

Será? Quem ouve você, pensaria que vivemos todos os nossos minutos tremendo de pavor, na expectativa do bote de sua fera. No entanto, às vezes, passamos meses sem fazer um único comentário.

(CONTINUED)

O silêncio é interrompido por fogos de artifício. Os dois olham pela janela.

Maria, evidentemente irritada, pega um casaco e sai em direção a rua.

23 RUA (1994) - NOITE - EXT

A rua está decorada com bandeirinhas. Tem um mastro com as imagens de São João, Santo Antônio e São Pedro. Uma fogueira. A rua está alegre, festiva. Algumas crianças brincam, outras preparam um balão galinha. Maria e João caminham entre as pessoas.

JOÃO

Mas a fera está lá. Não me larga. É como se fosse uma corcunda que eu carrego. Ela se impõe, independente do assunto da conversa. Eu converso com certeza como um corcunda. Pelo menos, a cara do corcunda permanece. Você a vê o tempo todo.

MARIA

Vejo. O tempo todo.

Passam duas meninas vestidas de caipira. Uma delas segura um copo com Santo Antônio de ponta cabeça afogado. Brincam com Maria.

Eles param em um canto, próximo a OUVINTE, que parece não dar bola ao que os dois conversam.

JOÃO

Você é minha gentil e sábia guardiã.

MARIA

(rindo)

Não remunerada, mas bem contente.

JOÃO

As pessoas devem achar esquisita a nossa ligação. Eu sei que sou visto como um homem esquisito.

MARIA

Mas só eu sei como e por quê você é esquisito. A sua dissimulação. Isso me permite arrumar o véu do disfarce em dobras certas.

(CONTINUED)

Ouvinte olha a Maria com uma feição de quem não entende e se retira.

JOÃO

Disfarce?

MARIA

Você pode iludir os outros com a importância que finge dar ao seu emprego, a sua biblioteca, ao seu jardim. Mas a mim você não engana. Pelas frestas da sua máscara pintada com o sorriso social, eu vejo um olhar que nada tem a ver com a máscara.

Fogos de artifício no céu.

MARIA

E ninguém suspeita de nada. Para todo o mundo, somos um casal bem comum. Você, aliás, exhibe a mais típica característica do homem comum.

JOÃO

Qual?

MARIA

(rindo)

A capacidade de passar um tempo infinito com mulheres tolas. Eu sou uma mulher tola. Eu cubro suas pegadas.

JOÃO

Mas quem cobre as suas? Qual o seu disfarce? Todo o mundo sabe da nossa ligação. Aliás, você deve ser uma mulher falada.

MARIA

Claro que sou. Mas já que eu lhe garanto a reputação de um homem comum, eu, automaticamente, passo a ser uma mulher comum. Ser a sua mulher tola é tudo o que me compete.

Eles chegam diante da fogueira

MARIA

Se você tem a sua mulher, eu também tenho o meu homem.

JOÃO

Você é tão delicada, tão bonita
comigo! Como poderei um dia
retribuir tudo isso?

MARIA

Continuando a ser como você é.

Os dois ficam olhando a fogueira a crepitar. Algumas pessoas caminham sobre as brasas da fogueira. Os pés pisando nas brasas. Crianças soltam um balão galinha. A câmera detalha o balão que queima e sobe desfazendo-se em cinzas. Ouve-se o som de uma sanfona.

24 RUA - AGÊNCIA DOS CORREIOS (2004) - DIA - EXT

Uma louca toca sanfona na rua vestida de noiva. Toca acordeon nas escadas do correio. João e Maria saem do prédio dos Correios.

Maria segura um envelope com selos estrangeiros. Olha emocionada a João. Beija a carta e ergue as mãos ao céu.

MARIA

Abençoada herança que a tia me
deixou!

Maria incrédula, feliz, fazendo planos. Ela fala com as mãos, descreve em expressões o que visualiza mentalmente.

25 LIVRARIA DE MARIA (2004) - DIA - INT

NARRADOR

ASSIM , À MEDIDA QUE ENVELHECIAM
JUNTOS, ELA VIGIAVA COM ELE. ASSIM,
A ASSOCIAÇÃO DOS DOIS ACABOU
CONFERINDO UMA FORMA E UMA COR À
EXISTÊNCIA DELA. O SEGREDO DO
HOMEM, AFINAL SE TORNOU TAMBÉM O
SEGREDO DA VIDA DA MULHER. DE UM
ÂNGULO PRIVILEGIADO ELA PODIA VÊ-LO
DEBATER-SE NOS MEANDROS DE SUA
DOLOROSA PERVERSÃO. ELE SABIA O QUE
SENTIA. MAS ELA, MAIS DO QUE ISSO,
SABIA O QUE ELE APARENTAVA. ELE
SABIA TODAS AS COISAS IMPORTANTES,
QUE, POR CAUSA DA FERA NA SELVA,
VIA-SE IMPEDIDO DE FAZER. MAS
APENAS ELA CONSEGUIA AVALIAR O
QUANTO ELE SERIA CAPAZ DE REALIZAR
NÃO FOSSE A CARGA QUE LHE PESAVA NO

(MORE)

(CONTINUED)

NARRADOR (cont'd)
 ESPÍRITO. SÓ ELA PODIA DETERMINAR
 COMO ELE SENDO TÃO BRILHANTE, HAVIA
 FRACASSADO TÃO LAMENTÀVELMENTE

Uma CORRETORA abre as portas de um espaço com estruturas que já indicam que lá pode ser uma livraria. Maria e João a seguem. Maria olha maravilhada e faz sinais de aprovação.

26 LIVRARIA DE MARIA (2006) - DIA - INT

Em um dia ensolarado Maria varre o espaço enquanto João parece olhar para alguma estrutura elétrica, como fiações. Eles caminham lado a lado.

27 LIVRARIA DE MARIA (2006) - TARDE - INT

Em um dia chuvoso João tira a poeira das estantes recém postas. Maria abre uma caixa cheia de livros como que a checar uma entrega. Maria caminha a frente de João.

28 LIVRARIA DE MARIA (2006) - NOITE - INT

Em uma noite de ventania Maria tira o pó do piano. João põe livros em estantes. Maria arruma o gabinete de curiosidades. João arruma o espaço central de leitura.

29 LIVRARIA DE MARIA - SARAU (2006) - NOITE - INT

Final de uma inauguração muito singela. Restam alguns poucos amigos. Passeiam pelas estantes, conversam. Maria e João servem poucas coisas às pessoas, como sucos, chás e pequenos bolos. COMPRADOR realiza a primeira compra.

Maria declama MORRI PELA BELEZA de Emily Dickinson, tradução de Jorge Vanderley.

MARIA
 Morri pela beleza e mal chegara
 A me ajustar ao meu túmulo
 Quando alguém, que morreu pela
 verdade,
 Foi estendido ao meu lado.
 Suave perguntou por que eu morrera.
 "Pela beleza", eu lhe disse.
 "E eu pela verdade - o que é o
 mesmo;
 Somos irmãos", respondeu.
 E assim, como parentes reunidos,

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA (cont'd)
 Conversamos noite a dentro
 Até que o musgo alcançou os nossos
 lábios
 E recobriu nossos nomes.

As pessoas aplaudem.

Um amigo senta-se ao piano e toca uma canção.

30 ESTAÇÃO DE TREM (2006) - DIA - EXT

Passa um longo trem com muitos vagões, vemos as engrenagens, João e Maria olham.

31 PLATEIA (2006) - NOITE - INT

Sentados na plateia lotada. Uma mulher canta uma canção linda. ESSE AMOR de Henrique Vogeler. Um telão lindo fazendo o cenário de "A CANÇÃO BRASILEIRA". Iluminação de ribalta. Ouvem até o fim.

32 LIVRARIA DE MARIA (2006) - NOITE - INT

Maria serve um chá a João. Eles estão sós no estabelecimento fechado ao público.

JOÃO
 Você sempre me servindo, me ajudando. Às vezes eu me pergunto se isso é justo. Justo, eu digo, ter envolvido você desse jeito nas minhas tramas.

MARIA
 Nas suas tramas...

JOÃO
 Como se você não tivesse tempo para fazer mais nada.

MARIA
 Mais nada de interessante? Para mim nada interessa mais do que essa nossa vigília.

JOÃO
 Eu sei da sua curiosidade. Somente, não lhe ocorre que essa curiosidade não está sendo devidamente

(MORE)

(CONTINUED)

JOÃO (cont'd)
recompensada? Me perdoe todo esse trabalho que lhe dou.

MARIA
Você me pergunta porque sente que a sua curiosidade é que não está sendo devidamente recompensada? Você acha que a espera está sendo longa demais?

33 REPRESA (2012) - DIA - EXT

Passam-se seis anos para o diálogo continuar. O automóvel com os dois passa nas arcadas da Represa visto de longe. Trilha sonora.

JOÃO (OFF)
Esperar uma coisa que nunca acontece? O bote da fera? Não, sobre isso eu estou no mesmo lugar. Não é uma coisa que eu possa escolher. Não posso decidir sobre ela, controlar, alterar. Não posso provocar o seu advento. Ela está no regaço dos deuses. Estamos aí, a mercê desta lei superior.

34 LAGO DA REPRESA (2012) - BOTE - DIA - EXT

João e Maria passeiam de bote. O dia está ensolarado como na primeira vez que se conheceram.

MARIA
Eu sei que o nosso destino se faz sempre à nossa revelia. Com sua forma própria, à sua maneira, o tempo todo. Mas você sabe que, no seu caso, a forma e a maneira eram para ter sido... bem, algo excepcional e muito particular.

JOÃO
(intrigado)
Eram para ter sido. Você fala como se no íntimo tivesse começado a duvidar...

A câmera segue um pássaro que voa . As mãos de João começam a suar.

MARIA
(protestando vagamente)
Oh! Não.

JOÃO
Como se acreditasse que nada vai
acontecer...

João olhando para a água vê as imagens da peça,
translúcidas. A versão para o teatro de A Fera na Selva que
Paulo Betti e Eliane Giardini realizaram em 1992.

MARIA
(acalmando João)
Você está longe do que eu estou
pensando.

Passam por um outro bote pequeno com outro casal da mesma
idade deles nadando. Vemos os corpos do casal idoso, a pele,
marcada pelo tempo. Maria os observa.

HOMEM
(alto)
Vocês já viram como a água está
quente?

MULHER
(alto)
Está divina.

HOMEM
(alto)
Não vão mergulhar?

Eles não respondem, João começa a remar e Maria o acompanha
com atraso.

35 REPRESA (2012) - BOTE DO OUTRO CASAL - DIA - EXT

O casal sai da água e sobe no bote, se enxugam um ao outro.

HOMEM
Ele é o João.

MULHER
Conheço. Esquisitão. Parece um
cunhado meu que joga o tempo todo
em todas as loterias. Na Loto, na
Esportiva, em todas. Nunca
participa de nenhuma festa da
família. Esta sempre isolado,
sonhando com o dia que vai ganhar.

(CONTINUED)

HOMEM

Mas o João não joga, nunca vi ele jogando.

MULHER

Eu sei, estou falando que são parecidos.

A câmera se afasta e deixa os dois conversando

36 REPRESA (2012) - BOTE - DIA - EXT

O Bote parado na margem, os dois dentro do bote conversam

JOÃO

Então, o que é que há com você?

MARIA

(após uma pausa)

Nunca tive tanta certeza. Quando chegar o dia, a minha curiosidade será muito bem recompensada.

JOÃO

Será possível que você acabou ficando com medo?

MARIA

Medo?

JOÃO

Lembre-se que foi isso que você me perguntou naquele nosso primeiro encontro.

MARIA

Ah, sim. Você me disse que não sabia. E me convidou a descobrir por mim mesma. Incrível que nunca mais tenhamos falado nisso!

JOÃO

Vai ver é porque a questão nos assusta. Se descobríssemos que eu estou com medo, ficaríamos sem saber absolutamente o que fazer, não ficaríamos?

MARIA

Houve momentos em que pensei que você estava com medo, reconheço. Houve momentos em que pensamos em tudo.

(CONTINUED)

JOÃO

(gemendo brandamente SOM
aproxima o microfone para
captar bem o suspiro)

Oh, em tudo! No entanto, acho que
você pode ver que eu não estou com
medo agora.

MARIA

O que eu vejo é que você se
acostumou ao perigo. Vivendo com
ele tanto tempo e tão de perto,
perdeu a noção. Sabe que está ali,
mas, fica indiferente. Nem precisa
mais assobiar no escuro, como
antigamente, para espantar o medo.
Acho sua atitude...

JOÃO

(sorrindo levemente)

Heróica?

MARIA

Pode chamá-la assim.

JOÃO

Então eu sou um homem corajoso?

MARIA

É o que você vai mostrar quando
chegar a hora.

JOÃO

Mas não sentir medo equivale a ser
corajoso? Não sei. Só sei que,
qualquer que seja o desfecho da
nossa espera, eu não tenho medo.

MARIA

O desfecho da sua espera não será
agora. Você ainda tem tudo a ver.

JOÃO

Da minha espera... E você? Não tem
também tudo a ver?

(pausa)

(sua voz treme um pouco)

Você sabe alguma coisa que eu não
sei. Você sabe o que está para
acontecer.

Maria fica em silêncio.

(CONTINUED)

JOÃO

Sabe e está com medo de me contar.
É tão horrível que você tem medo
que eu descubra.

MARIA

Eu não tenho medo que você
descubra. Você jamais descobrirá.

Começa a tocar a música do concerto da sequência seguinte.

Os dois no barco. Vistos bem de longe. A câmera se afasta
cada vez mais até revelar o carro, onde estranhamente, eles
estão.

37 REPRESA (2012) - CARRO - FIM DO DIA - EXT

O carro volta por cima da arcada da represa.

NARRADOR

DEPOIS DAQUELA CONVERSA, COMO SE O
ASSUNTO HOUVESSE SUCUMBIDO AO
PRÓPRIO PESO, OS DOIS PASSARAM UM
LONGO INTERVALO DE CONVIVÊNCIA
AMENA. SAÍAM, JANTAVAM NA CASA
DELA, CANTAVAM AO PIANO. ELE SE
CONGRATULAVA POR ISSO. ALIVIAVA A
CULPA POR SEU EGOÍSMO. AFINAL DE
CONTAS, PREOCUPAVA-SE EM NÃO FICAR
ETERNAMENTE SE IMPONDO A ELA COMO
TEMA, SENDO O ÚNICO ALIMENTO DO SEU
ESPÍRITO. SÓ DEPOIS DE UM TEMPO DE
TRÉGUA É QUE SE PERMITIU VOLTAR À
QUESTÃO.

38 TEATRO (2012) - NOITE - INT

Eles estão sentados na platéia lotada. Concerto da
sinfônica. Detalhes de instrumentos. Teclas de um piano. O
afinco do maestro. Referências: Lenda do Caboclo
(Villa-Lobos), Squerzo Fantástico (Stravinsky), Miniaturas
(Nilson Lombardi), Cartas Celestes (Almeida Prado)

39 EXPOSIÇÃO MAC 1 CASA (2012) - DIA - EXT

Eles caminham. Vemos o museu inteiro por fora, uma bela casa
com alpendre. Nas dependências do MACS (MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA de Sorocaba). Eles observam em silêncio uma
exposição de fotografias que está no momento em cartaz. Em
um canto há uma janela com vistas para a estação ferroviária
e outras dependência do museu.

A música da orquestra continua.

40 EXPOSIÇÃO MAC 2 ESTAÇÃO (2012) - DIA - INT

Eles passam em frente a estação, por toda a extensão da fachada. Eles caminham para o museu onde teremos uma sala grande, alta com uma exposição de peças do arquivo do MACS.

A música se encerra.

JOÃO

Você nunca rebateu a minha acusação.

MARIA

Acusação?

JOÃO

Você sabe do que estou falando.

MARIA

De ocultar de você alguma coisa ruim, ruim demais para ser contada?

JOÃO

Que coisa é essa, tão triste, tão lastimável que você não ousa me dizer?

MARIA

Faz tempo que essa pergunta paira entre nós.

JOÃO

Parece que eu fico girando em torno dela.

MARIA

Mas sem nunca tocar no ponto.

JOÃO

Porque você não permite.

(pausa)

Embora, pensando bem, você não pode saber de nada que eu não saiba.

MARIA

(enigmática)

Mas e a "sensibilidade feminina"?
Você sabe, as mulheres, quando interessadas, chegam a resultados em relação aos outros que os outros não conseguem chegar por si mesmos.

(CONTINUED)

JOÃO
(sorrindo)

Isso eu tenho de admitir. Os seus nervos, a sua imaginação têm sido condutos reveladores.

MARIA
Fontes de informação sobre você.

JOÃO
Para mim, está nisso toda a sua beleza.

41 HOSPITAL SANTO ANTONIO (2014) - DIA - EXT

NARRADOR
DE FATO. POR ESSA RAZÃO, QUANDO UM CERTO DIA, ELE FOI ASSALTADO PELO SÚBITO PAVOR DE UMA CATÁSTROFE, ELE SENTIU COMO SE LHE FALTASSE O CHÃO. DE REPENTE, ELA LHE DAVA A IMPRESSÃO DE SER MAIS ÚTIL, MAIS VITAL DO QUE NUNCA. O PERIGO QUE CORRIA ERA UMA AMEAÇA DIRETA, UMA PRIVAÇÃO PESSOAL.

Enquanto ouvimos a narração a câmara segue João e Maria por trás e por cima. Eles andam pelos labirintos de cedrinho do jardim em frente do hospital.

42 HOSPITAL SANTO ANTONIO (2014) - SALA DE ESPERA - DIA - INT

João sentado ao lado de Maria, outras pessoas também aguardam. A câmara vai detalhando os rostos compenetrados dos pacientes. Os planos se sucedem até ficarem só os dois na sala. Não sabemos qual dos dois foi se tratar.

JOÃO
A essa altura já não será tarde?
Tarde demais?

MARIA
Por quê diz isso?

JOÃO
É a primeira vez que essa idéia me ocorre. Nunca admiti que o meu destino não tivesse mais tempo pela frente.

(CONTINUED)

MARIA

E você está percebendo que o seu tempo...

JOÃO

Está se esgotando. Se o meu destino deve se cumprir ao longo do tempo, e o tempo se esvai, o segredo dos deuses se torna tênue, se evapora. Fiasco completo. Não seria fiasco se eu fosse desonrado, exposto à execração pública, enforcado. Fiasco é não acontecer nada.

MARIA

Mas vai acontecer. Ainda é tempo.

JOÃO

Então que venha logo. Chego a desejar que venha na pior forma: um desastre, uma ignomínia, uma monstruosidade. Não sou velho demais para sofrer. Que venha, mas que seja decentemente proporcional à postura que toda a vida mantive diante da ameaça.

MARIA

Há de vir, creia-me. Você não foi traído.

43

CASA DE MARIA/SALA (2014) - ENTARDECER - INT

Maria está sentada numa poltrona. Entra um raio de sol pela janela. A cortina balança suavemente. A lareira agora está apagada. Alguns objetos já faltam na casa.

NARRADOR

NO COMEÇO DE UMA CÁLIDA PRIMAVERA, ELE A ENCONTROU SENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NAQUELE ANO. NÃO PODE EVITAR O PENSAMENTO DE QUE NUNCA MAIS A VERIA EM PÉ. O ROSTO DELA ERA DE UMA BRANCURA QUASE DE CERA. AS MARCAS, OS SINAIS ERAM TÃO NUMEROSOS E FINOS, COMO SE FOSSEM RISCADOS POR UMA AGULHA. ERA A IMAGEM DE UMA ESFINGE, SERENA E REQUINTADA, MAS INDECIFRÁVEL. PODIA SER TAMBÉM UM LÍRIO, MAS UM LÍRIO ARTIFICIAL, MARAVILHOSAMENTE IMITADO, CONSERVADO SEM POEIRA NEM
(MORE)

(CONTINUED)

NARRADOR (cont'd)
 MANCHA. PORÉM SEM VIÇO, COM UMA
 TESSITURA DE VINCOS TÊNUES SOB A
 TRANSPARÊNCIA DE UM CAMPÂNULA DE
 VIDRO.

Uma xícara de chá. Uma mão neutra despeja chá em uma das
 xícaras, mas não chegamos a ver a mão. Dá-se a impressão de
 que João a servia, mas na verdade é a CUIDADORA, que até
 então não havia aparecido. A Cuidadora entrega a xícara a
 Maria e outra a João.

JOÃO
 Você está alheia hoje, distante...

MARIA
 Estou cansada...

JOÃO
 Dá a impressão de que está fora
 daqui...

MARIA
 Não tenho mais forças para fazer
 muita coisa.

JOÃO
 Como se seu trabalho já houvesse
 terminado...

MARIA
 (RINDO)
 Não seja tolo...

JOÃO
 Sinto-me abandonado.

MARIA
 Estou aqui, ao seu lado, não vê?

JOÃO
 Não quero incomodar você, mas...

MARIA
 Fale. Depois de tudo o que passamos
 juntos, para quê essa cerimônia?

A câmera detalha o ambiente. Os quadros, as fotografias. A
 casa também envelheceu. Uma foto dos dois bem jovens, do
 cartaz da peça A Fera na Selva de 1992.

(CONTINUED)

JOÃO

Depois de tudo... Você fala como se tudo já tivesse se passado.

MARIA

Há um longo passado atrás de nós.

JOÃO

(pausa)

O que você acha que pode acontecer de pior?

MARIA

(paciente. bem disposta)

Ah, sim, pensei muito nisso. Mas não consegui chegar a nenhuma conclusão. Imaginei coisas horríveis, era difícil escolher entre elas.

JOÃO

Eu também. Muitas das coisas horríveis que pensei, não tive coragem de contar para você.

MARIA

Eram muito, muito horríveis?

JOÃO

Algumas muito, muito horríveis.

A câmera mostra o lado de fora da casa.

MARIA

Mas houve muitos horrores que chegamos a nos contar um ao outro.

JOÃO

Sim, houve ocasiões em que fomos longe.

MARIA

(com um sorriso suave)

Ah, tão longe!

JOÃO

Você estaria preparada para ir mais longe ainda?

MARIA

Você acha que fomos longe?

(CONTINUED)

JOÃO

Olhamos muitas coisas de frente.

MARIA

Inclusive um ao outro?

(sorri)

Você tem razão. Tivemos, juntos, momentos de muita imaginação, e às vezes, de muito medo. Só que alguns não foram mencionados.

JOÃO

E o pior momento, este não olhamos de frente. Eu tenho certeza de que poderia encará-lo se você me dissesse o que é. Sinto que perdi o meu poder de inventar possibilidades, acabou-se.

MARIA

E por que você acha que o meu não acabou?

JOÃO

Para você não se trata mais de uma questão de inventar, de imaginar. Você já sabe. Sabe alguma coisa que eu não sei. Já me revelou isso antes.

MARIA

(profundamente afetada pelas palavras dele, mas com firmeza)

Não lhe revelei nada, meu caro.

JOÃO

(balançando a cabeça)

Isso você não pode negar. Você admitiu há meses uma coisa que temia que eu descobrisse. Afirmou que eu jamais descobriria. Não estou dizendo que descobri. Não tenho medo de saber. Tenho medo é de não saber. Você está me deixando entregue ao meu destino.

MARIA

A coisa que eu nunca disse é de fato, a pior.

A câmera se detém na cortina que balança suavemente.

(CONTINUED)

JOÃO

Mais monstruosa do que tudo que imaginamos?

MARIA

A pior.

JOÃO

(pensativo)

A pior.

MARIA

Estamos falando somente de uma suposição minha.

JOÃO

Uma convicção. Isso me basta. Mas se você não me esclarece nada, está me abandonando.

MARIA

Não, não, estou com você, não está vendo? ... ainda.

Erguendo-se num movimento acima de suas forças e mostrando-se toda suave no seu encanto e na sua fragilidade. Em seu olhar parece que ela rejuvenesce.

MARIA

Eu não abandonei você.

NARRADOR

POR UM INSTANTE ELA SE MOSTROU CAPAZ DE AJUDÁ-LO. ELE SENTIA QUE DEVIA TIRAR DA OCASIÃO O MELHOR PARTIDO. A LUZ DELA PODIA SE APAGAR A QUALQUER MOMENTO.

JOÃO

Então me diga se eu terei plena consciência do sofrimento.

MARIA

(sacudindo prontamente a cabeça)

Nunca!

JOÃO

Você chama isso de pior?

MARIA

Você acha, por acaso, que é melhor?

(CONTINUED)

JOÃO

Não será talvez que eu seja um
cabeça dura? Não será que tudo não
passa de um equívoco?

MARIA

(compassiva)

Um equívoco? Oh, não.

(ela solta um gemido abafado,
com microfone bem perto)

Não é nada disso. Você sempre
esteve certo.

JOÃO

Terei vivido com uma vã ilusão, na
mais estúpida fantasia? Toda essa
espera para ver a porta se fechar
na minha cara?

MARIA

(sacudindo a cabeça)

Não. Seja o que for, é uma
realidade. A porta não está
fechada. A porta está aberta.

JOÃO

Então é alguma coisa que ainda vou
viver?

MARIA

(pausa)

Nunca é tarde demais.

Ela se aproxima dele. Intensa. Fecha os olhos, estremece
levemente. Toca uma sineta e volta a sentar-se pálida

MARIA

Acho que não estou nada bem.

JOÃO

A ponto de não poder me dizer nada?

A Cuidadora entra e lança um olhar de reprovação a João.

MARIA

(como se não tivesse ouvido a
pergunta dele)

Você não entendeu? Agora?

A Cuidadora ajuda Maria a se levantar e a apoia em retirada
da sala.

JOÃO
Não entendi coisa alguma!

MARIA
Ah!

JOÃO
Está sentindo dor?

MARIA
Não.

É evidente que Maria sofre. Está quase de saída.

JOÃO
(insensível)
O que aconteceu, então?

Maria se vira uma última vez.

MARIA
(quase desfalecendo)
O que tinha de acontecer.

44 CASA MARIA/PORTÃO (2014) - DIA - EXT.

A Cuidadora expressa a João que ele não poderá entrar na casa.

45 PARQUE MUNICIPAL (2014) - ENTARDECER - EXT

(cont'd)

NOS PRÓXIMOS DIAS ELA NÃO PODE RECEBÊ-LO, O QUE O DEIXOU DESOLADO. UM POUCO ENRAIVECIDO ATÉ. SEMELHANTE QUEBRA DE HÁBITO ERA, DE FATO, O PRINCÍPIO DO FIM. ELA ESTAVA MORRENDO E ELE IA PERDÊ-LA. ESTAVA MORRENDO E A VIDA DELE TERMINARIA. TENTOU SE CONSOLAR COM A IDEIA DE QUE ELA O ENGANAVA, PARA SALVÁ-LO DA TREMENDA DECEPÇÃO DE QUE A MORTE DELA - E A CONSEQUENTE SOLIDÃO DELE - ISSO SIM É QUE VINHA A SER A FERA NA SELVA. O QUE ESTAVA NO COLO DOS DEUSES . NÃO ERA NADA MONSTRUOSO. NEM UM DESTINO RARO, EXCEPCIONAL. TINHA AS PROPORÇÕES DE UM DESTINO COMUM. MAS ELE, COITADO, A ESSAS ALTURAS, JÁ SE CONTENTAVA COM UM DESTINO COMUM.

(CONTINUED)

João caminha na terra.

João caminha no meio das árvores

João caminha nas trilhas, longas trilhas. Na Reserva da Votorantim.

João caminha na linha do trem.

46 DECK ÉDEM (2014) - CREPÚSCULO - EXT.

Ele senta-se em um banco em um deck a luz do crepúsculo (é um em formato de triângulo).

47 CASA MARIA/PORTÃO (2014) - NOITE - EXT.

João se depara com o portão trancado e ninguém em casa.

48 HOSPITAL ST ANTONIO (2014) - LEITO MARIA - DIA - INT

João caminha só pelo labirinto em direção ao hospital. Assobia.

João se aproxima de uma porta e tenta auscutá-la. Bate nela levemente.

NARRADOR

AFINAL, UM BELO DIA, FOI-LHE
PERMITIDO VÊ-LA. FOI ELA QUEM
TROUXE A BAILA O ASSUNTO, MOSTRANDO
COMO DESEJAVA DEIXAR TUDO
ESCLARECIDO ENTRE OS DOIS.

Uma ENFERMEIRA abre a porta do quarto a João e os deixa a sós. Ela sai carregando uma comadre e um lençol.

Maria está com o cabelo cortado, bem curto

MARIA

Não tenho certeza se você me
entendeu. Não há mais nada a
esperar. Já aconteceu

Os olhos de João buscam entender.

JOÃO

Verdade?

MARIA

Verdade.

JOÃO

Aquilo que estava para acontecer?

MARIA

Aquilo que começamos a esperar na mocidade.

JOÃO

Você quer dizer: aconteceu como um fato definido, tangível, com um nome e uma data?

MARIA

Definido e tangível. Não sei nada de nomes, mas ah, quanto à data!...

JOÃO

Então veio no meio da noite? Veio e passou por mim sem me tocar?

MARIA

(com um sorriso leve e estranho)

Oh, não! Tocou, atingiu você.

JOÃO

E eu nem fiquei sabendo?

MARIA

(com a suavidade de uma criança doente e a franqueza de uma vidente)

Ah, é esse justamente o mistério dos mistérios, você não ficar sabendo. Afetou você, sim. Cumpriu sua tarefa. Possuiu você completamente.

JOÃO

Sem que eu tenha percebido absolutamente nada.

Ele está inclinado sobre ela. Com um sorriso ténue, ela cobre a mão dele com a sua

MARIA

Basta que eu saiba. Eu já lhe disse uma vez que você nunca saberá. Acho que você deve se dar por satisfeito. Já aconteceu.

(CONTINUED)

JOÃO

Mas aconteceu o quê?

MARIA

O que devia ter distinguido você. A prova da sua lei. Já agiu. Estou muito contente de eu ter sido capaz de ver o que ela não é.

JOÃO

Se você está contente com o que ela não é, então poderia ter sido pior?

MARIA

Não. Nada poderia ter sido pior.

JOÃO

É alguma coisa que nunca imaginamos? Que nunca tememos?

MARIA

Alguma vez nós sonhamos estar aqui, falando nisso como algo acontecido?

JOÃO

Não poderíamos ter imaginado nunca o que era? De tão horrendo?

MARIA

Não é por esse lado. Esse lado você conhece. É pelo outro lado.

JOÃO

(com irritação)

Para mim todos os lados são iguais.

MARIA

(ela discorda com a cabeça levemente)

Que bom que a Fera não está mais aqui. Já passou. Ficou para trás. Antes...

(sua voz se esvai)

JOÃO

(repete estupidamente)

Antes...

MARIA

Antes, você sabe, estava sempre por vir. Por isso era tão presente.

JOÃO

Eu preferia essa presença, do que a ausência. Ainda mais, somada à sua ausência.

MARIA

A minha ausência.

JOÃO

A ausência de tudo. Acredito em você. Mas não vou nem tentar fingir que entendo. Nada aconteceu para mim. Nada haverá de acontecer até que eu próprio sofra e saiba que estou sofrendo. Peço a Deus que seja o mais breve possível. Como pode a coisa que eu nunca senti ser a coisa que eu estava destinado a sentir?

MARIA

(impertubável)

Mas você sentiu! Você tinha que sofrer o seu destino. E sofreu. O que não quer dizer necessariamente, conhecê-lo.

JOÃO

Como, neste mundo de Deus... se esse conhecimento não é senão sofrimento?

MARIA

(após olhá-lo em silêncio)

Você não entende.

JOÃO

Eu sofro.

MARIA

Não, não.

JOÃO

O que eu posso fazer quanto a isso?

MARIA

Não!

Uma luz ilumina os olhos de Maria.

JOÃO

Se eu não sei o que me aconteceu, é porque não sou digno de saber?

MARIA
(compassiva)
Não. Você não sabe porque não
precisa. E não precisa porque não
deve saber.

JOÃO
Não devo?

MARIA
Não deve. É demais.

JOÃO
Então é disso que você está
morrendo?

Maria o olha gravemente.

MARIA
Eu ainda viveria por você... se
pudesse.
(Fecha os olhos,
recolhendo-se)
Mas não posso!

Abre de novo para de despedir.

João fica estático olhando a Maria adormecer.. Close do
rosto dele, das mãos de Maria deitada no leito. Vê-se pela
janela uma chaminé soltando fumaça.

49 CEMITÉRIO - DIA - EXT

Há uma cova no chão. Ele joga um pouco de terra sobre o
caixão e outros amigos fazem o mesmo. O COVEIRO com a pá
sela o enterro. Eles se retiram. Vemos a faina do Coveiro.

50 PRAÇA DO SKATE - NOITE - EXT

João observa manobras e quedas de jovens skatistas.

NARRADOR
COM AQUELA ESTRANHA CONVERSA, ELE
SE SEPAROU DELA PARA SEMPRE. À DOR
DA PERDA, ACRESCENTAVA-SE A
DESESPERADA CONSCIÊNCIA DE QUE A
SELVA FORA DEVASSADA E A FERA TINHA
ESCAPADO. A EXTINÇÃO DA EXPECTATIVA
DE UMA VIDA, TORNAVA TUDO NO MUNDO
MUITO TOLO E SEM GRAÇA. CAMINHAVA
PENOSAMENTE NA SUA TERRA BATIDA
(MORE)

(CONTINUED)

NARRADOR (cont'd)

ONDE NADA SE MOVIA, NENHUM RUÍDO DE ANIMAL SE FAZIA OUVIR, NENHUM OLHO MALÉVOLO CINTILAVA EM ALGUM COVIL. AGORA ERA COMPLETA SUA ACEITAÇÃO DE QUE A FERA JÁ ATACARA. A MORTE LHE HAVIA LEGADO ESSA CONVICÇÃO DE FORMA TÃO FINAL E ABSOLUTA QUE ELE SE TORNARA INCAPAZ DE SENTIR MEDO POR SEU FUTURO OU ESPERANÇA. CONFORMARA-SE A CONVIVER COM UM PASSADO NÃO IDENTIFICADO E UM DESTINO PARA SEMPRE, INSONDÁVEL.

Esta narração se estende até a sequência 52.

51 IGREJA DE SÃO CARLOS BORROMEU - DIA - INT

João observa o grande painel sobre a trajetória vocacional, de coroinha a papa.

52 ZOOLOGICO - DIA - EXT

João observa os animais no zoológico.

53 IMAGEM DE ARQUIVO - TEATRO - 1992

Começa com as imagens de trinta anos atrás gravadas no teatro, onde o ator Paulo Betti, interpretando o personagem João fala que a Fera Já atacou.

54 CEMITÉRIO - NOITE - EXT

João vem caminhando no escuro assobiando para espantar o medo. Vai até a lápide de Maria Bartram. Acende uma vela e cai de joelhos. Olha o nome na lápide. Em uma fusão vemos os olhos de Maria. João está imerso, tenso.

NARRADOR

O ÚNICO CONSOLO QUE LHE RESTAVA ERA AQUECER A ALMA NA RECORDAÇÃO DA VIDA QUE TEVE COM ELA. AS VISITAS AO CEMITÉRIO, AO TÚMULO DELA, TORNARAM-SE FREQUENTES. JAMAIS SE AFASTARIA DALI. AQUELE CANTEIRO DA MORTE, QUE ELE CUIDAVA TÃO BEM, ERA O PEQUENO ESPAÇO DE TERRA ONDE ELE AINDA PODERIA VIVER MAIS DO QUE UMA REMINISCÊNCIA. A CRIATURA DEBAIXO

(MORE)

(CONTINUED)

NARRADOR (cont'd)

DA TERRA SABIA DA SUA RARA
EXPERIÊNCIA. AJOELHADO AO PÉ DA
SEPULTURA, DEIXAVA O ESPÍRITO VAGAR
PELA MEMÓRIA DOS VELHOS TEMPOS. O
PEDAÇO DE CHÃO, A LAJE ENTALHADA,
AS FLORES CUIDADAS PARECIAM DE TAL
FORMA LHE PERTENCER, QUE ELE NO
MOMENTO SE ASSEMELHAVA AO
PROPRIETÁRIO, REVENDO UMA PARTE DE
SEUS BENS.

55 LIVRARIA DE MARIA - FACHADA - DIA - EXT

João vê a fachada da livraria e observa o movimento lá dentro. Vemos um rapaz alto de barba tomando conta do caixa.

NARRADOR

VOLTANDO À LIVRARIA LHE OCORREU O
PENSAMENTO QUE A INTIMIDADE ENTRE
ELE E ELA NÃO HAVIA LHE DADO NENHUM
DIREITO, TANTO QUE O MAIS IDIOTA
DOS PRIMOS DE QUARTO GRAU PÔDE
REIVINDICAR O QUE HAVIA SIDO TÃO
DOS DOIS.

56 CAMINHADAS - DIA E NOITE - EXT.

Segue com ele caminhando por muitos lugares, estradas, caminhos, vielas, dia e noite, como um andarilho não maltrapilho. Ele assiste a algumas estátuas que existem na cidade.

Vemos uma sequencia da vida deles (trabalho de edição).

57 CEMITÉRIO (2014) - DIA - EXT

NARRAÇÃO

TERIA VIVIDO MAIS DESSA FORMA, NÃO
FORA UM INCIDENTE, APARENTEMENTE
BANAL, QUE O ARRASTOU EM OUTRA
DIREÇÃO COM UMA FORÇA
AVASSALADORA. O TOQUE FOI O ROSTO
DE UM MORTAL QUE OLHOU PARA ELE COM
UMA EXPRESSÃO CORTANTE COMO UMA
NAVALHA. HAVIA NELE UM AR DE
DESESPERO. O QUE É QUE ELE HAVIA
POSSUÍDO CUJA PERDA O FAZIA SANGRAR
TANTO E, AINDA ASSIM, VIVER? ALGUMA
COISA QUE ELE, NOSSO AMIGO, NUNCA
(MORE)

(CONTINUED)

NARRAÇÃO (cont'd)

TIVERA. SE O QUE VIRA NAQUELE ROSTO ERA O QUE A PAIXÃO SIGNIFICAVA, NENHUMA PAIXÃO JAMAIS O TOCARA. HAVIA VISTO FORA DE SUA VIDA, E NÃO APREENDIDO POR DENTRO, COMO SE SOFRIA A MORTE DE UMA MULHER. O QUE NAQUELE MOMENTO CONTEMPLOU ERA O COMPLETO VAZIO DE SUA VIDA. O NOME DELA NA LAJE DE PEDRA LHE ATIROU NA CARA, QUE O QUE LHE HAVIA FALTADO, NA VERDADE, ERA ELA. SEU PASSADO EXPLICAVA COM PAVOROSA NITIDEZ. ERA O HOMEM A QUEM NADA NO MUNDO HAVIA ACONTECIDO. ESSE ERA O TOQUE DE MESTRE, A SUA ANUNCIAÇÃO. APENAS O VAZIO DA ESPERA FORA A PARTE QUE LHE COUBE. SUA COMPANHEIRA DE VIAGEM HAVIA COMPREENDIDO ISSO. OFERECERA-LHE A OPORTUNIDADE DE FRUSTRAR O SEU DESTINO. NOSSO DESTINO PORÉM, JAMAIS SE FRUSTRA. A SALVAÇÃO QUE ELA LHE ESTENDEU, ELE HAVIA IGNORADO. A SALVAÇÃO TERIA SIDO AMÁ-LA. SÓ ASSIM ELE TERIA VIVIDO. ELA VIVERA, POIS O HAVIA AMADO POR ELE PRÓPRIO. PASSO QUE ELE JAMAIS HAVIA PENSADO NELA SENÃO NA FRIEZA DO EGOÍSMO E À LUZ DO PROVEITO PRÓPRIO. A FERA ESTIVERA MESMO NA EMBOSCADA. A FERA HAVIA ATACADO.

(CAMERA NO ROSTO DE JOÃO)

O HORROR DO DESPERTAR, ESSE ERA O CONHECIMENTO. ELE TENTOU PRENDÊ-LO, SEGURÁ-LO, MANTÊ-LO DIANTE DE SI PARA QUE PUDESSE SENTIR A DOR. ISTO, PELO MENOS, ATRASADO E AMARGO, TINHA ALGUM GOSTO DE VIDA. MAS O AMARGOR DE SÚBITO, LHE DEU NÁUSEAS. VIU A SELVA DE SUA VIDA E VIU A FERA NA TOCAIA. ENTÃO VIU, COMO UMA VIBRAÇÃO NO AR, QUE ELA SALTAVA, ENORME E HORRENDA, PARA O BOTE QUE DEVIA LIQUIDÁ-LO.

A câmera mostra as diversas sombras e plantas que permeiam os túmulos abandonados e que contrastam com o de Maria que se mantém limpo. A camera subjetiva vai caminhando até chegar no túmulo de Maria. É um caminho longo. João está em pé diante do túmulo de Maria, depois de um tempo ele se vira e olha. Diante de um outro túmulo, parecido com o de Maria,

(CONTINUED)

vemos um homem de luto, as costas curvadas. João começa a suar intensamente. Ao levantar-se para ir embora, com um passo lento, o indivíduo revela o seu rosto. Ele está devastado. Por um instante o homem e João se encaram. O enlutado exibe uma formidável destruição. O olhar de João se escurece, trechos de sua vida com Maria vão passando como num filme. Virando instintivamente para escapar da fera que salta sobre ele, João grita e tomba de face sobre o túmulo. A câmera recua lentamente e vai se afastando em um plano parecido com o do começo do filme, só que ao contrário, revelando que o cemitério também fica na floresta.

FIM